

O HERALDO

Editor,
JOSÉ MARIA DOS SANTOS

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Administração e Impressão,
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

NORTE E SUL

As primeiras chuvas, depois de uma temporada de sol, vieram acalmar a politica. O chefe do governo adoeceu com *grippe*, e como sem o chefe, as ovelhas se sentem desorientadas—os politicos adormeceram.

Tentou-se um accordo dos viticultores do Douro com os viticultores do centro e do sul do paiz. E seria essa, em verdade, a boa orientação patriótica e sensata. Mas o governo nem a segue, nem deixa que os outros a sigam. E assim se debate esta questão, uma das mais graves, senão a mais grave das que agitam o paiz.

Na sala *Portugal*, da Sociedade de Geographia, effectuou-se um novo comicio, promovido pela comissão nomeada no que se effectuára na mesma sala em 7 de novembro do anno findo, para dar conta dos seus trabalhos junto do governo e mostrar como se havia desempenhado da missão de que fôra incumbida. Mais concorrido ainda talvez do que o primeiro, porque a assistencia se pôde computar em tres mil pessoas, mostrando os vinicultores que estão dispostos a unir-se para pugnar pelo renascimento da vinicultura nacional.

Viam-se as galerias completamente occupados assim como mais de dois terços da sala, onde se alinhavam filas de cadeiras, em que se sentavam lavradores de todas as regiões vinhateiras.

Junto da tribuna dos oradores, collocada á esquerda da presidencia, viam-se tambem todos os delegados que compõem a comissão dos vinicultores do Douro, que foram a Lisboa para entregar uma representação ao presidente da camara dos deputados, apresentando varias emendas ao projecto.

A discussão entre lavradores do sul e do norte foi acalorada, tendo-se sahido d'alli com a impressão de que, realmente, todos estavam de accordo. O norte fazia concessões ao sul, dando-lhe, por assim dizer, o monopólio do fabrico da aguardente. O sul fazia concessões ao norte, deixando que pelo Porto só fossem exportados vinhos do Douro.

Um dos oradores do norte chegou a exclamar:

—Acabaram-se as agulhas ferrugentas; a politica desapareceu d'esta questão, cuja importancia ninguem poderá amesquinhar. E, d'ora ávante, o norte e o sul, unidos, caminharão firmemente para o mesmo fim, que consiste em conquistar melhores dias para a vinicultura nacional e mais felizes dias para a patria portugueza. E é com verdadeiro jubilo que aperto a mão de orador que me procedeu, porque n'esse acto vejo uma longa e affectuosa saudação para os povos que elle com tanto brilho representa, cujos interesses elle defende com tanta energia e entusiasmo.

Esse orador precedente era um lavrador do sul, que tambem quer a alliança com o norte.

Mas o projecto apresentado pelo governo oppõe-se a esse accordo.

Assim, o Douro continúa a queixar-se de que, pela concessão do mesmo projecto, vão entrar até julho em Villa Nova de Gaya mais alguns milhares de pipas de vinho licoroso do sul, para ser depois exportado como do Douro. O sul queixa-se de que a compensação da aguardente não é bastante, porque, segundo outra concessão do mesmo projecto do governo, o Douro tambem pôde destilar todos os vinhos d'essa região que se aduaterem.

Continúa, pois, o desacordo, que o governo fomenta e agrava. Depois de congraçar o norte com o sul, o governo tinha um grande caminho patriótico a seguir: fazer uma larga propaganda dos vinhos portuguezes no estrangeiro, abri-lhes novos mercados, fazer tratados de commercio, premiar e encorajar quantos concorressem para o levantamento da agricultura nacional. E então, já não haveria lavradores do norte nem lavradores do sul. Haveria apenas lavradores portuguezes, caminhando unidos, conquistando as suas prosperidades do paiz.

Mas não trata d'isso o governo. O desacordo entre viticultores do norte e do sul é cada vez maior. Já ha dias, na camara dos deputados, os interesses de uns e de outros se chocaram violentamente, indo ao ponto de até bastantes deputados governamentais se declararem em aberta opposição ao projecto.

Deixemos archivado que nunca tal facto se dera entre politicos portuguezes, que tudo sacrificam ao que elles chamam disciplina partidaria. Mas d'esta vez, como o que está em jogo é o interesse pessoal, *boas noites disciplina!*

Essa sessão, pois, foi uma das mais características do novo regimen parlamentar.

Um deputado da maioria revoltou-se contra as auctorisações, que no projecto serão dadas ao governo, para prover a coisas varias e declarar categoricamente que nunca, jamais, votará auctorisações parlamentares a qualquer governo. Minorias e parte da maioria approvam este desabafo. O deputado termina por propôr que o projecto, por inefficaz, seja retirado.

A seguir, o debate generalisa-se e duranre meia hora é um desabar de criticas acerbas que põem o governo na mais precaria situação:

Os que mais encarniçados inimigos se mostram são os deputados governamentais. Depois, cada qual, trata de defender os interesses da sua região e dirigem-se uns aos outros como encarniçados inimigos. Debalde o presidente toca repetidas vezes a campainha. Ninguem se entende.

Triste. Profundamente triste! Foi prorogado até 28 de fevereiro o praso para pagamento das contribuições graecas do Estado.

CARTA DE LISBOA

A BANDEIRA DA PATRIA

Foi imponentissima a grande parada militar do penultimo domingo, no vasto campo do Hippodromo de Belem. O dia, ameno e de sol brilhantissimo, levou alli milhares e milhares de pessoas, ansiosas por verem desfilar, no garbo do seu aspecto e no destaque dos seus uniformes de gala, todas as tropas da guarnição de Lisboa.

Foi uma significativa e commovente festa patriótica. Os novos soldados que sobre a bandeira da Patria, alli juraram n'esse dia, mais uma vez, respeitá-la e defendê-la, tiveram assim um nobre incentivo a augmentar lhes a dedicação pela terra em que nasceram.

A bandeira foi sempre o mais sagrado, o mais altivo symbolo da Patria. Onde ella se levanta, palpita e vive o coração d'essa mesma Patria, experimentada ás vezes de vicissitudes, mas sempre respeitada e progressiva na paz; sempre forte e indomável na guerra.

Com o pendão das Quinas, com a branca bandeira da Cruz, conquistámos palmo a palmo, todo o territorio em que depois assentou a nacionalidade portugueza. Não foi um simples plano de conquistas. Foi uma sobrehumana Epopeia. Mas não cançou o braço dos que a escreveram a ferro e fogo, lutando contra inimigos innumeráveis. Quando ficaram talhadas, por esse esforço heroico, as fronteiras do reino que tão profundamente affirmava a sua existencia—povo guerreiro e sonhador, aventureiro e destemido, abalançou-se ainda a novos combates, indo procurar, através de mares desconhecidos, os mais desconhecidos perigos.

Foi, por vezes temível o embate, entre essa diminuta legião de conquistadores e aquellos povos que, ao arrojo inaudito, oppunham uma resistencia desesperada. Mas quando a victoria se tornava indecisa, quando as primeiras filas cahiam dizimadas, quando um mau presagio percorria os que para a frente se atiravam, cegos de extranho heroismo—uma bandeira se erguia, mais altiva ainda, desafiando a morte, provocando os destinos.

Era a bandeira da Patria. E nem um dos que a viam surgir, retrocedia um passo. Os gritos de victoria coroadam a corajosa, a sagrada appareição! E não foi maravilhável, um dia, entre a refrega implacável, o porta bandeira erguel-a ainda e defendê-la, com os braços decepados e mutilados...

Esse portuguez foi D. Duarte de Almeida, alferes-mór do reino, que conduzia o estandarte na batalha do Toro, travada por D. Alfonso V contra os exercitos castelhanos de Fernando e Izabel a Catholica. Dividia-se o exercito portuguez em duas hostes: uma, commandada pelo proprio rei; outra, pelo principe D. João, mais tarde aclamado com o titulo de D. João II de Portugal.

Os exercitos inimigos cahiram em massa sobre a hoste real. Foi terrível o embate e desesperada a lucta. Em um momento de maior confusão, D. Duarte de Almeida viu-se isolado e perdido entre a multidão inimiga, obrigado a empunhar com uma das mãos a bandeira, e com a outra a espada vingadora. Cae-lhe um braço, decepado, mas nem assim recua. Segura nos dentes o estandarte, e continúa derribando os que o acommetem. O outro braço é-lhe cortado, ainda, por um gladio inimigo. E

nem assim recua. Sem cavallo, que cae tambem sob uma chuva de golpes, acutilado e perseguido entre dezenas de cavalleiros contrarios, defende-se com aquella sobrehumana bravura dos heroes, erguendo sempre a bandeira altiva e immaculada... Quando se vê, emfim, novamente restituído aos seus, não mostra com vangloria os braços mutilados, orgulhoso da propria heroicidade. Mostra apenas, victoriosa de mil golpes, a bandeira gloriosa que lhe fôra confiada.

Nos mastros das velhas naus de Vasco da Gama e de Alvares Cabral, ou entre as hostes da Africa e da India, a bandeira era sempre o symbolo augusto da Patria. Conduz-a á victoria, era encher de novos loiros a historia da Patria.

Hoje, as luctas que travamos, n'este seculo utilitario, não são já as da guerra, a ferro e fogo. São as luctas do progresso e da paz, da prosperidade e do engrandecimento do paiz.

Mas o culto da bandeira deve manter-se, immaculado e perenne. E' esse culto, essa religião heroica e animadora, que ainda agora, em momentos de perigo, salva o quinhão de glorias que nos ficou de tempos idos.

Na historia moderna, temos ainda Macontene e Chaimite, Marraquene e Coolella—como grandiosos rasgos de bravura e de vitalidade. Ao punhado de soldados, que se apertava corajoso em volta da bandeira portugueza; n'esses recontros celebres, devemos ainda hoje a conservação d'esse vasto imperio colonial da Africa.

Na festa patriótica do penultimo domingo desfilarão, deante do povo em massa compacta, algumas d'essas bandeiras, já baptisadas pelo fogo e varadas pelas balas. O povo saudou as com respeito e carinhoso amor. E' que nellas ia erguido o nome da Patria...

«SERÕES»

E' digno de especial registo o ultimo numero publicado d'esta importante e interessantissima revista mensal illustrada de que é editora a afamada Livraria Ferreira, da capital. E' correspondente a dezembro esse numero a que nos referimos e todo elle, desde a parte litteraria á parte artistica, revella o espirito seleccionado de quem a dirige e a torna, no genero, a melhor revista portugueza, podendo competir na sua confecção artistica com as melhores publicações similares do estrangeiro.

A capa é uma linda aguarella allusiva á festa do Natal, lembrada n'uma artistica cabeça de peru, e n'ella faz a revista aos seus leitores e habitual saudação d'essa temporada de festas. O summario é o seguinte:

O Natal na ilha da Madeira, de João Gouveia; Instantaneo, poesia de Alípio Machado; O chapéu feminino durante o seculo XIX, de Pinto de Carvalho (Tinop); As operações militares no sul de Angola em 1905, de Eduardo Augusto Marques; Colombina, de João Penha; Incoherente, poesia de Cruz Andrade; A bibliotheca publica do Porto, de J. Pereira de Sampaio (Bruno); Soneto, de Ladislau Patricio; Benita, continuação do romance africano de Rider Haggard, A sympathia e Dia de Finaidos, poesias de Bulhão Pato; A cultura do ananaz nos Açores, de Rapozo de Oliveira; Vigo, poesia de Alcantara Carreira; Epithalamio, poesia de D. João de Castro; Um passeio, de Marcelino de Mesquita; O terceiro concurso photographico

dos «Serões»; Os «Serões» dos bebés (coutos); Actualidades etc.

Todos estes artigos são acompanhados de profusas illustrações que a qualidade optima do papel fazem realçar de nitidez.

Traz tambem, como de costume, um numero appenso, dedicado ás senhoras, com 30 illustrações e o seguinte summario: Chronica geral de modas, Aspectos das modas de inverno, Os nossos figurinos, Chapéus de inverno; A nossa folha de moldes; Lavoros femininos, Consultorio de Luiza e Notas de Dona de Casa.

POETAS

A M A I I

A. J. . .

Disseste que gostavas d'estos versos, pelo que diziam, pelo que affirmavam. Quem os fez, acredita, não foi o meu coração: foram os nossos corações, porque de ha muito elles aprenderam a andar unidos. Por isso te dedico hoje esta poesia.

Amai, homens, amai, eis a palavra
Que sai da bocca virginal da Esp'rança,
E cái no peito ardente de quem lavra
Uma terra de luz e segurança.

Amai com toda a força da voss'alma!
O amor em si é o polen fecundo
Que espargis com a mão, na sua palma,
Para alargar e fecundar o mundo.

Amai! seja a palavra sacrosanta
E o Evangelho do Bem—o Bem do Lar—
Que canta em sons numa ideal garganta,
Que brilha em Luz num delicioso olhar.

Amai e sede honestos nesse amor,
Amai a esposa e muito mais a Mãe,
Talvez vos custe menos vossa dor,
Como o prazer saiba melhor tambem.

Amai o vosso Lar, em esp'rança immerso,
Base moral da Civilização,
Onde entra essa alegria—um novo berço,
D'onde sai essa dor—mais um caixão.

E amai emfim a Humanidade toda,
A Humanidade altiva a progredir!
Todo o teu sangue para a sua bóda,
Tende alma d'oiro para a bem sentir!

Como será formoso e inebriante
O dia em que a Amizade triunfar,
E for de peito amante para amante,
Batendo as azas para vos beijar!

Dizem que o Amor é crime?—E' crime a Fome,
E' crime a Sêde, é crime o Trabalho?...
Se o é, de criminoso quero o nome,
E quero o crimino de saber amar!

Se é crime ter eu braços para abraços,
E ter eu peito para uma paixão,
Pódem cerrar-me o olhar, prender-me os braços,
Mas não podem parar o coração!

Não poderão, poetas de campá ou sala,
Escrever na minh'alma o necrológio,
Porque nunca conseguirão pará-la,
Como se pára a corda de um relógio.

Ah! o dia longinquo (ó esp'rança louca!)
Em que afinal os homens saberão
Que foi pra' beijos que se fez a boca,
Que é para amar que existe o coração!

Só então nós veremos esse ideal
Da humanidade em rápida viagem,
Numa marcha ascendente e triunfal,
A mais Vida, a mais Força, a mais Coragem.

Não nos ferirão as pedras dos caminhos,
As pombas baterão melhor as azas,
E soará a música dos ninhos,
E soará a música das casas.

Será um dia festivo e singular,
Uma nova Tomada da Bastilha,
Um mundo novo para conquistar,
Uma terra mais firme que se trilha.

E as estréllas e a lua, e as crianças,
E o peito dos heroes, honestos já,
Renascirão em Luz, em mimo, em Esp'rança,
Tudo amará! Tudo palpitará!

E a voz longinqua e estranha das esféras,
E a voz de cada mãe, de cada pai,
Dirá em vibrações graves, sinceras,
Num grande brado:

Amai, amai, amai!

Raul Proença.

A ESTRELLA E O SAPO

A Senhora do Manto Azul

There are more things in Heaven and Earth, Horatio, Than are dreamt of in your philosophy.

Shakespeare.

Ao entardecer, nos dias serenos, quando pela amplidão celeste começavam scintillando as primeiras estrelas, o sapo—um triste e asqueroso sapo—emergia das águas lutulentas do charco, mas, em vez de misturar suas canções com as dos outros sapos, ficava-se silencioso, contemplando o firmamento.

Seduzia-o o maravilhoso aspecto da abobada celeste, á quella hora melancolica, transformada em amplo manto azul, todo pontilhado de estrelas.

Elle, a quem a luz do dia sepultava nas profundezas do pantano, experimentava um suavissimo prazer, á noite, olhando longo tempo o ceo, em cujos esplendores a sua vista se perdia e cujos mysterios desejava saber profundar.

Fascinavam-no as estrelas com as suas coloridas scintillações e os seus olhos glaucos desmedidamente abertos pareciam querer fixar na retina aquelle espectáculo surpreendente e bello.

Uma havia, porem, entre todas que mais o encantara...

Era uma linda estrella branca... muito branca, emitindo uma luz diamantina e pura que, rutilando através da immensidade, vinha deslumbrar o triste sapo.

Sempre que a via rebrilhar no azul, o pobre experimentava, primeiro um intenso prazer em admirar-a, como se a linda estrella fosse um gentil vulto de mulher e elle, algum enamorado poeta...

depois alanceava-o um grande desespero, louco, profundo!

Sentia-se miseravel, infimo! Feito de lama!

Oh! Que cruel Deus tinha sido para com elle!

Deus que em vez de immundo sapo repellente, o poderia ter feito surgir sob outro aspecto, mais bello, mais luminoso! Deus que o podia ter feito flôr... Deus que o podia ter feito astro, brilhante e magnifico como os que povoam o ceo...

E depois pensava... pensava... mil pensamentos irrealisaveis vinham povoar-lhe a imaginação torturada! Oh! Como elle seria feliz se pudesse alar-se da terra... subir... subir, ascendendo até ás regiões habitadas pela linda estrella cujo intenso brilho tanto o seduzia, e diser-lhe,—numa linguagem feita só para ser comprehendida pelas estrelas—a admiração que por ella sentia e contar-lhe em seguida como quem lembra um sonho mau, o poema da sua existencia, toda desespero e angustias, vivida junto do charco orlado de limos verdes...

Assim meditava o apaixonado batrachio durante toda a santa noite.

No ceo, indifferente a linda estrella rutilava até que a aurora desdobrando pelo firmamento a sua chlamyde luminosa, apagava gradualmente todos os luzeiros do ceo.

Um desespero immenso vinha, então torturar o triste.

Não a ver era para elle um supplicio cruciantissimo, doloroso, insupportavel!

As horas do dia pareciam-lhe de uma lentidão infinita e era sempre com uma grande alegria que admirava no horizonte os primeiros tons crepusculares.

Anciosamente é que esperava a Noite, pedindo sempre a Deus que o libertasse d'aquelle grande supplicio...

Dias e dias passaram.

Uma noite, após permanecer longas horas fitando a sua amada estrella, o sapo sentiu que a vida, toda concentrada no seu olhar glauco, se lhe desprendia do miseravel involucre e subia... subia com a magestosa serenidade de um perfume subtilissimo, ascendendo para as longinquas regiões onde reluzem os soes, e entre elles, deslumbrante no seu brilho diamantino e puro, a linda estrella que o fascinara...

Pelos espaços havia harmonias

suavissimas, e ondas intensamente luminosas.

E assim, naquelle sonho delicioso e impossivel foi-se-lhe pouco a pouco extinguindo a existencia.

Recordando esta singella historia, quantas vezes, gentilissima Senhora, ao admirar os Vossos lindos olhos negros, que parecem possuir as scintillações de todos os astros, eu tenho invejado a sorte do triste sapo do pantano!...

Faro, 1-197.

LYSTER FRANCO.

Eça de Queiroz

Talvez se ignore que existe em Portugal uma seita? Pois existe. Essa seita é a dos admiradores de Eça de Queiroz. Assim o tenho pelo menos verificado n'este jornal, agora, e no discurso das minhas relações sociaes.

Sempre que n'este jornal me occupo de Eça de Queiroz recebo d'aqui e d'alli uma ou outra entrecida carta de um leitor e admirador de Eça de Queiroz «agradecendo-me» o ter falado d'elle e o tel-o exaltado. Agora mesmo recebo de Paris uma carta d'esse theor. «Não é meu costume—diz-me d'alli um devoto de Eça de Queiroz—dirigir-me a pessoas a quem não conheço; mas a admiração, o quasi culto que consagro á obra d'Eça de Queiroz leva-me a sair dos meus habitos para lhe vir manifestar o meu reconhecimento pelas palavras que consagra ao grande artista. Oxalá que elle seja lido e comprehendido, etc...»

Por outro lado, as simpatias intelligentes que me unem a um pequeno grupo de amigos são afevoradas pelo culto de Eça de Queiroz. Bernardo Pindella, com cuja amisadé todo o homem de espirito se deve honrar, é o amigo natural de todos os admiradores de Eça de Queiroz. Mesmo aquelles que não o conhecem e admiram Queiroz lhe ficam querendo bem, pelo culto admiravel que elle tem sabido prestar á memoria do singular artista. A minha grande admiração por Eça de Queiroz tem-me grangeado amisades de um precioso quilate. Em Lisboa ha um grupo de homens que se procuram e reúnem para falar de Eça de Queiroz. Um advogado franquista, o advogado Motta Veiga e eu reunimos certas noites só para isso. Inculcar a nm admirador d'Eça é naturalmente approximativo. Irresistivelmente procuram-se e acabam por se estimar. O que é proprio de todas as seitas é o espirito de intolerancia. Os admiradores de Eça de Queiroz tem até certo ponto esse espirito, e um conheço eu, mais do que todos intollerantes, que rejeita relações com quem quer que seja que não tenha lido e admirado o homem de Fradique e de João da Eça.

O admirador de Queiroz sabe Queiroz de cór e rec ta o, como se fôra verso. Tem um pouco o espirito dos seus personagens e vive no ambiente das suas novellas. Participa das suas paixões, dos seus facciosismos e dos seus pontos de vista. Para esse só existe uma patria—a patria de Eça de Queiroz. A outra é a patria do Demasoz.

Os admiradores d'Eça de Queiroz entendem se admiravelmente, mesmo quando não se conhecem. Basta que n'uma assembleia, ou n'um grupo de individuos, pisquem o olho uns aos outros e pronunciem uma d'essas palavras que se encontram ora na bocca de Fradique, ora na de João da Eça, logo se reconhecem, fazem causa commum, fazem parede.

No fundo, este fenomeno litterario é um fenomeno social. Dentro de Portugal existe um outro Portugal—o Portugal de Eça de Queiroz, muito pequeno ainda, mas muito unido, e não é curioso que um escriptor que deveria ser do dominio publico pela somma de verdades que espalhou, pertença ainda exclusivamente á intelligencia e á simpatia de um grupo de fanaticos?

João Chagas.

LIVROS

«LICÇÃO MORAL»

POR

ANGELINA VIDAL

Em dez minutos felizes, repassados d'uma suave commoção espiritual, devorou a minha alma de melancolico essas dezesseis paginas escriptas pela mão tremula da desventurada e grande mulher que é Angelina Vidal, poetisa e prosadora de valor e probidade litteraria, dons raros de surpreender na praga nociva de litteratelhos de ambos os sexos que afogam n'um charco fundo as letras portuguezas.

Eu conheço de longe e de ha muito o nome de Angelina Vidal, a sua vida de soffrimento, vida cercada de fei e dôr, amor e bondade; tenho por ella uma elevada consideração, mais pela sua extraordinaria envergadura da evangelisadora do Bem do que pela harmonia metallica dos seus versos ou do que pelas crisações imprevisitas da sua prosa singela.

Como digo, de longe, de muito longe a conheço; mas de perto, de muito de perto mesmo o meu coração tem seguido e observado a linha curva das suas desditas, chegando ao ponto de partilhar com ella, por intermedio d'esse outro nobre espirito já extinto e que se chamou Heliodoro Salgado, as particulas materiaes que a gazúa do sentimento extrae do bolso quasi exausto, em horas de cruel infortunio, que os ricos e os egoistas julgam não haver n'este mundano valle de lágrimas.

Pobre D. Angelina! como ella tem vindo arrastando até nossos dias, sem queixumes e sem baixezas, entre uma chuva de pedantes e um rebanho de cabras de dois pés, uma existencia de fãnta, de ignorada e de incomprehendida!

A vida d'essa mulher tem o seu quê de sombrio, alevantado, sacrosanto e bemdito das personagens do Hago; nos Miseraveis, Fautina ou Valjean encarnam a espaços o sentimento augusto de Angelina Vidal.

O seu coração, rubro, quente, luminoso e fecundante como o sol, é bem um coração de heroe de romance. Coração fundamentalmente humano, transbordando de amor e sonho, olha a vida sob um aspecto optimista, desinteressado, proprio de bater no peito cavalheiresco de uma personalidade romantica ou d'um santo da antiguidade.

Hoje, em contacto com uma sociedade de ignorantes e maus, tem de viver no isolamento e no olvido, porque os arautos do reclame não apregoam a bondade nem defendem a honestidade, com receio de que as proprias familias se tornem honradas, e os compadres que os sustentam se transformam em homens limpos.

Nada!—que a vida são dois dias e quem mais gosou melhor ficou! O resto que se governe, dizem os taes...

Licção moral é um episodio n'um acto, em verso. Envolve apenas duas creanças, Mario, academico, de 13 annos, e Celeste, criança pobre, de 11 annos; scena da rua, vulgar, banal, d'uma creança pobre pedir esmola a uma rica. Mas de subito, do meio d'este acto aparentemente revestido de banalidade, surge um drama pungente, tocante, que vibra sentidamente no intimo do nosso ar.

Celeste, a pobre rapariguinha que esmoleia pela rua, não para ella mas para os irmãos pequeninos que ella amára, patenteia sob os dotes de espirito, virtude, sentimento em quantidade; a mãe morreu ha tres annos, quando dava á luz o ultimo filho e o pae, corticeiro, sem trabalho, vagueia, emquanto a fome invade a casa com as quatro crlanças.

Luisinho, o mais novo, está doente, a tossir muito, e não ha dinheiro para mandar aviar a receita e o boticatio não vende mais fiado, sendo então que Celeste se vê forçada a appelar para a caridade publica na pessoa do pequeno Mario. Este, que a principio desdenhara da pequena, acaba por-lhe

agradecer uma boa acção que ella praticara, uma verdadeira licção moral que lhe dera.

Celeste bem demonstrou que não esmolava por vicio e sim por uma fatalidade insuperavel. Ella dizia a Maria que tomava a vida a sério, coitadita, que a brincadeira e as alegrias da infancia lhe foram extranhas:

Cuida talvez

Que me punha a brincar sem mais nem menos? Nada! Sou mãe dos meus irmãos pequenos.

Pobresinha! Brincar, sorrir, correr, era para os abastados e felizes! Ella era uma victima innocente das iniquidades sociaes e do brutal egoismo dos homens.

E Mario, depois acabou por extasiar-se na presença da virtuosa pedinte, levando-o á mãe e murmurando-lhe docemente enlelado perante tanta candura, tanta inteireza de affecto, estas palavras de generoso apreço:

E tu, criança, triste e calma, Sem teres ambições de outros incios, Irás abrindo a biblia da tua alma Na pagina dos grandes sacrificios.

Abençoado cerebro que concebe e reproduz pela palavra escripta tão lucidos pensamentos educadores.

A edição do mimoso trabalho que vimos de fallar pertence á conhecida e valiosa Bibliotheca Para as Creanças, de Setubal.

Obras d'estas, sádias e moralisadoras, honram sempre quem as escreve e quem as edita.

MARCOS ALGARVE.

Nunca desesperar



ANTONIO PINTO VIEIRA

O TESTEMUNHO

Braga, Rua do Souto, 37, 9 de Fevereiro de 1906.

Meu filho Antonio, de 14 annos d'idade, soffria desde o berço as mais atrozes dores que acompanham essa terrivel enfermidade, o reumatismo, e eu quasi desesperava salva-lo quando a vossa Emulsão de Scott operando a sua cura radical, me veio dar a alegria de o ver hoje restabelecido.

José Pinto Vieira.

A RAZÃO

Os que padecem de reumatismo sabem muito bem que os seus soffrimentos são causados pela accumulacão de certas impurezas no organismo, que não tem força sufficiente para as expellir. É precisamente esta força que é dada pela

Emulsão de Scott

Mas não a pode dar senão sendo feita invariavelmente dos materiaes mais finos que se podem adquirir com o dinheiro, misturados em proporções conhecidas e approvadas pelos medicos mais habéis, e por um processo tão perfeito quanto se tem podido attingir com 30 annos de experiencia e estudo constante.



Exigir sempre a Emulsão com esta marca—o homem do peixe—que significa o processo Scott!

É-nos licita a ousadia de dizer-vos, para o vosso proprio proveito, e não só para o nosso, que não ha emulsão sem ser a do Scott, que possui as notaveis vantagens que podeis alcançar tendo o cuidado de comprar a emulsão com o proprio em o peixe no involucre, recusando todas as outras, que muitas vezes contém oleo inferior, e ás vezes nem de bacalhau.

NOTA: Apezar do Imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de Scott aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande. AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Snrs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mouzinho da Silveira, 85, 1º, Porto.

EM HESPANHA

Cahiu o ministerio liberal em Madrid. Na queda destaca-se porém o vulto respeitavel do marquez de la Vega de Armijo, presidente do conselho, a quem a desventura engrandeceu, como succede ás arvôres seculares das florestas, que parecem immensas, quando derubadas!

Num tempo e num paiz onde em geral os principios valem pouco e os interesses podem tudo, consoleta erguer a vista para estas figuras veneraveis, que souberam viver e vivem na esphera superior dos principios, mantendo um ideal como fim supremo da existencia, por mais que em torno lhes sorrissem as tentações da riqueza e do bem estar, e por mais que em redor esbraveje a furia dos ambiciosos, a raiva dos despeitados e a inveja dos mediocres.

No scenario d'intrigas, no campo d'emboscadas, no rude cerco de traições, em que a politica partidaria se transformou em Hespanha—lá como cá—o vulto erecto d'um homem fiel aos principios, intransigente na fé, desinteressado na propaganda, leal no embate e puro nas intenções, conforia o espirito dos que ainda confiam na elevação geral do homem a «super-homo», tantas vezes contradictada aparentemente pela mediocridade geral dos que se elevaram, ou foram elevados, a detentores do poder.

Cahiu bem o nobre marquez. Cahiu em pé. Nem se pode com rigor dizer que tenha cahido: deve sim affirmar-se «que se despediu».

Esta é tambem a verdade, porque Affonso XIII lhe pediu, na conferencia das 10 e meia da noite de 24, que tentasse reorganisar o ministerio, encargo que o marquez declinou.

Toda a imprensa hespanhola e estrangeira é unanime, ou deve sel-o, em saudar o velho venerando.

Quanto ao partido liberal, se «partido» se lhe pode chamar, está partido a valer. Esperemos que a forja da opposição e o castigo agora recebido lhe sirvam de correctivo e tambem de estimulo, para que reapareça—mas não acreditamos—unido e compacto. Porque, verdade, verdade, a força do partido conservador nos ultimos annos provém da fraqueza dos grupellos liberaes, que não tem sido capazes de subordinar a um ideal commum a ambição desmedida dos chefes respectivos. Esta ambição cresce e azeda-se com o tempo, á medida que o poder se distancia, de modo que se torna cada vez mais irreductivel, mais incapaz de se submeter a um criterio superior e a uma direcção extranha.

Estão pois os conservadores no poder. Affonso XIII, depois de ouvidos os presidentes das camaras e os mais do seu conselho, chamou Antonio Maura ao palacio ás dez da manhã de 25 encarregando-o de formar governo. A' uma hora Maura voltou com os novos ministros que prestaram juramento:

Presidencia, Antonio Maura. Reino, Juan de La Cierva. Estrangeiros, Manuel Allendesalazar.

Justiça, marquez de Figuerôa. Guerra, general Francisco Loño. Marinha, José Ferrandiz. Fazenda, Guilherme de Osma. Instrucção publica, Faustino Rodrigues San Pedro.

Obras publicas, Augusto Gonzalez Besada.

A rapidez com que se organisou este ministerio prova innegavelmente a boa disciplina do partido conservador e o conhecimento seguro que Maura tem da sua gente.

Subido ao poder sem o ter sollicitado, erguido apenas pela decomposição do partido liberal, o novo ministerio apresenta-se bem: é composto de homens do centro e da esquerda do partido, como elemento mais avançado, mais liberal; não comprehende ninguem suspeito de sectario ou filiado no ultramontanismo; e promette governar cumprindo rigorosamente a lei e attendendo á opinião popular ma-

nifestada nos comícios e as deliberações das Côrtes.

Em meados de março comtudo serão estas dissolvidas e em abril realizar-se-hão as eleições geraes para deputados.

Entretanto entrar-se-ha num accordo com o Vaticano para regular a questão das associações reduzindo-lhes o numero; estudar-se-ha o modo d'abolir o imposto do consumo, e decidir-se-ha em breve a questão dos padeiros, que ainda traz alvoraçada a opinião publica. A direita do partido ficou descontente por se ver excluida na nomeação dos altos funcionarios. Esperamos que a disciplina possa mais que o despeito.

Tal é a situação na Hespanha.

AUDIENCIA

Para julgamento dos reus Antonio do Sacramento Costa e Rosa das Dores, accusados do crime de fogo posto, houve audiencia geral no tribunal d'esta comarca e que, tendo começado na manhã de quinta feira ultima só terminou na tarde do dia immediato.

No primeiro dia constituiu-se o tribunal logo depois do sorteio dos jurados que foram os seguintes senhores:

- Joaquim Pereira Netto.
- Joaquim do Nascimento Teixeira.
- Joaquim Palmeira.
- Francisco André do Rosario.
- Antonio Pereira Vasconcellos.
- Manuel Antonio Pedro Fagundes.

João Fernandes Cruz.
Antonio de Sousa Ramos.
João Rodrigues Tavares.
José Joaquim de Sant'Anna.
Procedeu-se depois á leitura do processo e mais formalidades do estylo, em seguida ao que se começou o interrogatorio ás 27 testemunhas de accusação.

No dia seguinte foram interrogadas as testemunhas de defeza que eram em numero de 62, sendo algumas dispensadas, e pelas 1 1/2 horas da tarde começaram os debates que foram iniciados pela accusação feita pelo delegado do procurador regio sr. dr. Fructuoso da Silva. O digno agente do ministerio publico fallou por largo tempo, fazendo uma accusação cerrada e pedindo a condemnação para os reus.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o dr. Marreiros Netto, advogado dos réus e que pela primeira vez fallava no tribunal d'esta comarca. Procedia-o a reputação de ser um dos mais distinctos e illustres oradores algarvios, sustentando no fóro o mesmo verbo eloquente e a mesma ardencia suggestiva de expressão que o salientaram em Coimbra n'uma das mais afamadas gerações academicas. Pois essa reputação confirmou a Marreiros Netto com o seu discurso de sexta feira, vibrante, conciso, ora com tonalidades encantadoras de arte ora com rasgos impetuosos de eloquencia. Sempre em intima e perfeita alliança, o estro e a arte tiveram o condão de interessar o seu discurso em dois aspectos diferentes: a convicção e o encanto; e muitos vezes nos interrogavamos sobre se mais admirar a clareza victoriosa e inabalavel da sua argumentação ou se o fogo vehemente dos seus impetos de oratoria que pareciam dominar-nos de subito, como se fossem a verdade em toda a sua resplandescencia de luz.

Fallou depois o presidente do tribunal, dr. João Duarte Sereno. Não ia fazer um discurso, porque a lei a isso o não obrigava. Competia-lhe apenas fazer um pequeno relatorio do que se passára na audiencia, para melhor elucidação do *jury*, e ia fazel o, desataviadamente, ligeiramente, como lh'o permitiam as suas forças. Se o obrigassem a um discurso, vêr-se hia embaraçado, sobretudo depois de terem fallado com tanto brilho os dois oradores procedentes. E assim, pedindo desculpa de não discursar, num tom affectuosamente singello e familiar, começou um dos mais brilhantes discursos que temos escutado no nosso tribunal e cuja melhor nota apreciativa seria a sua publicação na integra, tão allado

elle foi nos conceitos e esplendoroso na forma.

Foi tranquillia e calma a sua oração, mais fallando ao coração que ao cerebro, e onde o brilho litterario correspondia á elevada nobreza de sentimento. Por vezes a amenidade de expressão interrompia-se por impressivos jactos de oratoria, revelladores de profunda eloquencia: era quando o temperamento ardente do orador vencia a voluntariosa serenidade do juiz.

Fez um extenso e criterioso relatorio da audiencia, pronunciada mente parcial e que alguns assistentes julgaram como uma segunda accusação, mas para que de forma alguma o seu modo de vêr podesse actuar no animo do *jury*, bastas vezes lhes repetiu: «nunca vejam affirmações nas minhas palavras. Refiro-lhe os actos e os senhores jurados consultem sobre elles a sua consciencia».

A consciencia!... Foi então o melhor, o mais bello, o mais illuminado trecho do seu delicioso discurso. A consciencia era o santuario augusto onde existia Deus. Ella era o pharol radiantissimo que nos illuminava a estrada da vida e como que nos dizia: «anda, caminha, é por aqui que se vae ao Bem».

Foi um quarto d'hora de emballadora apothose á consciencia, feita com um grande ardor se sinceridade e um requintado estylo litterario.

Era juiz e a lei obrigava-o muitas vezes a ser severo. Mas tinha tambem essa viscera a que se chama coração e quantas vezes, ao firmar uma sentença, ficava com a consciencia tranquillia mas com o coração dilacerado.

O considerado presidente do tribunal fez em seguida os quesitos a que devia responder o *jury*, que, dando por não provado o crime, fez com que o meritissimo juiz sentenciasse a absolvição dos reus.

O publico ficou muito bem impressionado com a sentença.

Sr. redactor:

«Se em sonhos da Grecia antiga
«Auros mythos phantasiava...
.....
P. Chagas—O anjo da caridade.

Se invoco os dois versos da poesia sublimemente inspirada, é porque receio que o Cesar authentico esteja a estas horas expiando fraquezas do seu pseudo homonymo. Jupiter é sempre justo, mas ás vezes zanga-se e vingá-se porque tem os raios á mão.

Acudo em defeza do verdadeiro Cesar a proposito da carta publicada, na integra, no ultimo numero do *Heraldo*. Apesar de não ter procuração, não quero ficar com remorsos.

Se não foi illudida a boa fé d'esse jornal, o que as proximidades do carnaval auctorisam a aceitar, houve decerto um erro typographico importantissimo, que a revisão culposamente de xou passar. Com certeza estava escripto no original: «Ao Cezario o que é de Cesar».

Muito embora em toda a parte haja mais Cezaros que Cesares, nem todos julgam ser o que realmente são. Alguns aspiram culmancias, cujos pedestaes por pouco estaveis, derruem com facilidade, arrastando em queda desastrosa o que mais alto se quer alevantar.

Eis o caso da carta:

Perdeu o seu auctor um brilhante ensejo de ficar callado. Devia concentrar-se na sua ostentosa en cadernação e deixar-se de escrever. Não se collocava em triste evidencia, arrogando publicamente direitos que não tinha; lucrava a grammatica tambem e muitissimo.

Enebriu-se com tanta tropal! Esto Cesar pensou se em Roma, mas estava em Tavira, á frente do senado da antiga Bolsa armado apenas em Cezario!

E convença-se. Roma teve um Cesar, Tavira só tem Cezarios. Pulullam tambem os Joões Fernandes, entre os quaes figura' este representante do

Povo assistente.

TYPOGRAPHO

Precisa se d'un typographo ou rapaz com conhecimentos de composição. Trata se com o proprietario d'este jornal.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:
Hoje, 3—D. Isabel d'Abreu Caldeira Rebello, Jayme Athias, Sozinando Raymundo das Chagas, Franco e o menino Antonio Péres Santos.
Segunda, 4—Ventura Coelho de Vilhena.
Terça, 5—D. Maria Luiza Cumano de Bivar Weinholz. D. Maria Quiteria Samora Barros, coronel Jacintho Parreira.
Quarta, 6—D. Etelvina Parreira Ramos, dr. Joaquim Tello.
Quinta, 7—D. Maria Augusta Rebello Carneiro, D. Adelaide da Conceição Silveira, capitão de engenharia José Joaquim Peres e Ruy Liz Teixeira.
Sexta, 8—D. Anna Palermo Pinto e o menino Bartholomeu Abecassis Fernandes Vargas.

*
Regressou de Lisboa o sr. major Francisco Mimoso.

*
Estão em Lisboa os srs. condes do Cabo de Santa Maria.

*
Estiveram em Tavira na sexta feira os srs. drs. Pedro Nogueira e Ernesto Cardoso.

*
Regressou a Faro o rev.^{mo} arcebispo bispo do Algarve D. Antonio Mendes Bello.

*
Regressou de Lisboa a Faro o sr. Juize Fialbo.

*
Acompanhado de sua esposa encontra-se em Lisboa o sr. Figueiredo e Mello, commissario de policia.

*
De Villa Real de Santo Antonio partiram em 31 para Lisboa o sr. conselheiro Frederico Ramires e para Bordeaux o sr. Manoel Ramires.

*
Passa bastante incommodada de saude a sr.^a D. Maria Izabel Barbosa Centeno.

Carnaval em Loulé

PROGRAMMA DOS FESTEJOS

Domingo—Alvorada pelas philarmônicas, *matinée* pelo «Grupo Comico-Dramico Louletano»; rifa de prendas offerecidas pelas damas de Loulé em beneficio dos pobres, diversões populares.

Segunda—Batalha de flores com carros allegoricos; luctas de «confetti» e *bombons*; bando precatório para custear as despezas do Bodo aos pobres; premio ao melhor carro; de noite, pelas 9 horas, espectáculo pelo grupo acima referido.

Terça—Bodo aos pobres, assistido por todo o elemento official e *élite* louletana; nova batalha de flores; um premio de surpresa ao melhor carro; marcha burlesca com instrumentos exquisitos pelos membros da commissão.

A PROVINCIA

Faro

Acompanhado de sua esposa partiu em 27 para Lisboa o sr. Aaron M. Sequerra. Tenciona seguir d'ali com destino a Gibraltar onde conta demorar se cerca d'um mez.

—No dia 30 estive aqui o rev. prior do Algez, sr. Luiz Arthur Peres.

—Na quinta feira estive aqui, acompanhado de sua esposa, o tenente da guarda fiscal sr. Mas carenhas.

—Esteve aqui no dia 31 o sr. Manoel Garcia Ribeiro, de Lagôa.

—Partiu na sexta feira para Lisboa, com sua esposa, o professor da Escola Industrial sr. Antonio Ezequiel Pereira.

No deposito de machinas da casa Singer, em Faro, tem estado em exposição uma lindissima pay-sagem *au fusain* firmada pelo nosso querido camarada e distincto pintor Lyster Franco.

CHAILE

Perdeu-se um chaile de casemira claro, entre a Praça, rua Nova Pequena e Corredoura. Dão-se alvijas a quem achou entregando o n'esta redacção.

CARRERAS A VAPOR NO GUADIANA

Horario de partidas		no mez de fevereiro	
Dias	Horas	De Mertola	Dias Horas De Villa Real
4	7,34	» manhã	5 3,15 » tarde
6	9,16	» »	7 6,06 » manhã
8	11,44	» »	9 8,42 » »
11	3,05	» tarde	12 11,35 » »
13	4,30	» manhã	14 1,03 » tarde
15	5,43	» »	16 2,21 » »
18	7,37	» »	19 4,25 » manhã
20	9,06	» »	21 5,51 » »
22	11,33	» »	23 8,31 » »
25	2,41	» tarde	26 11, » »
27	3,35	» »	28 12,09 » tarde



THEATRO TAVIRENSE

COMPANHIA HESPAÑHOLA DE ZARZUELA

Sob a direcção artistica e musical dos distinctos actor D. EMILIO RAMOS e maestro D. J. MELENCOEZ

QUATRO RECITAS

Em beneficio do cofre da

ASSOCIAÇÃO DE SALVAÇÃO PUBLICA DE TAVIRA

Devem ter logar nos dias 6, 7, 15 e 16

PRIMEIRA RECITA

CONGRESSO FEMINISTA

PUNAO DE ROZAS

SAN JUAN DE LUZ

SEGUNDA RECITA

LOS BOHEMIOS

DOLORETES

ARTE DE SER BONITA

TERCEIRA RECITA

CARCELERAS

MARCHA DE CADIZ

ENSEÑANZA LIBRE

QUARTA RECITA

LA GATITA BLANCA

EL PERRO CHICO

EL POLLO TEJADAS

Está aberta a assignatura para as 4 recitas no estabelecimento de José Maria dos Santos.

Teem preferencia os srs. assignantes do Theatro

PREÇOS DO COSTUME

Os espectaculos começam ás 8 e 1/2 prefixas

N. B. — O ultimo espectáculo pôde ser alterado.

Centenares de Creanças

rachiticas, são curadas todos os annos. Porque se não ha de contar o vosso filho entre ellas? Basta para isso que façaes como fizeram os paes d'aquellas, a saber: dar ao pequeno doente a Emulsão de Scott.



LUIZ GONÇALVES

O TESTEMUNHO

Braga, Largo de C. Hintze Ribeiro, 1, 6 de Fevereiro de 1906.

Tenho o prazer de lhes annunciar a cura completa de meu filho Luiz, de 1 anno d'idade, que desde o seu nascimento me causava serios cuidados, pela sua constituição debil e totalmente rachitica. A Emulsão de Scott, que lhe fiz tomar por conselho medico, operou o milagre de o tornar tão forte e tão robusto, que eu hoje quasi julgo um sonho a rapida transformação porque passou todo o seu organismo.

Manoel Antonio Gonçalves.

A RAZÃO

Ah, sim! Sr. Gonçalves, não estava sonhando! Não ha nada no mundo mais verdadeiro e mais permanente que os beneficios conferidos pela

Emulsão de Scott

Porque é isto? Porque sómente se emprega o oleo de fgado de bacalhau norueguez mais fino e mais puro, e que custa muitas vezes mais que o oleo inferior que se usa no fabrico das outras emulsões de fgado de bacalhau, assim chamadas. Alem d'isto é devido a perfeição do fabrico, fructo de experiencias dispendiosas e um cuidado incansavel.



Portanto, se quizerdes que o vosso filhinho alcance o beneficio que coube ao pequeno Luiz Gonçalves, é absolutamente indispensavel verificar se o involucro traz o pescador com o peixe.

Exigir sempre a Emulsão com esta marca — o homem do peixe — que significa o processo Scott! Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de Scott aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande.

AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtém-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succe., Rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.º, Porto.

Pesca de atum

Vende-se dez acções da companhia de pesca de atum de direito e revez «Cabo de Santa Maria e Ramalhete», na costa do Algarve.

Quem as pretender comprar, na totalidade, ou parcialmente, pode dirigir-se ao seu possuidor, Jacintho da Cunha Parreira, rua 1.º de Dezembro, n.º 50, Faro.

PAPEL

Caixas com 50 folhas e 50 sobres, 180 réis. Boa qualidade.

Vende-se no estabelecimento de

JOSÉ MARIA DOS SANTOS TAVIRA

Almanack de Lembranças

A 320 réis

ALMANACK DAS SENHORAS

A 240 réis

ALMANACK ILLUSTRADO

A 150 réis

Vendem-se no estabelecimento de José Maria dos Santos, Tavira.

AOS NOSSOS ANNUNCIANTES

Para evitar os transtornos e difficuldade de cobrança participamos aos nossos annunciantes que d'hoje em diante todos os annuncios devem vir acompanhados da importância de 250 réis,

O serviço de annuncios officiaes e permanentes continua como até aqui.

JULIO DINIZ:
AS PUPILAS DO SENHOR REITOR
GRANDE EDIÇÃO DE LUXO
Mostra-se e assigna-se no estabelecimento de JOSÉ MARIA DOS SANTOS—TAVIRA.

Officina de canteiro e esculptura

DE

JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria;

jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.

LARGO DO CARMO (5872) Faro

MARÇANO

Precisa-se com alguma pratica de fazendas, mercearias, quinilherias, etc., que seja activo, trabalhador e que dei fiador. Quem estiver em condições queira dirigir-se a Constantino da Silva Lóla e Filho, Albufeira. (1)

COLLECÇÃO DE LEIS

Sob o titulo—*Collecção de Leis*, de pequeno tomo publicadas em 1904 sobre diversos assumptos, e legislação judicial dispersa, promulgada de 1 de abril 1895 a 31 de dezembro de 1906, editou a «Biblioteca Popular de Legislação» com sede em Lisboa, rua de S. Mamede, 111, (ao largo do Caldas) mais um dos seus numerosos livros, no qual se inclue tambem a tabella dos emolumentos dos secretarios dos tribunaes do commercio, de 29 de agosto 1889.

Como se vê é uma publicação util e necessaria a toda a gente, que custa apenas a modica quantia de 200 réis, e que o editor remette a quem a pedir, sendo o pedido acompanhado da respectiva importância.

HOTEL CONTINENTAL

(O HOTEL DOS ALGARVIOS)

O mais central e um dos melhores e mais baratos hoteis de Lisboa. Frente para o Rocio. Serviço de meza excelente.

2.º ANNUNCIIO

No dia 3 do proximo mez de fevereiro, por 11 horas da manhã, á porta da Camara Municipal d'este concelho, na Praça da Constituição d'esta cidade, se ha de vender em hasta publica, a quem maior lance offerecer, acima da quantia de quinhentos mil réis, um predio urbano nobre na rua da Borda d'Agua de Aguiar, freguezia de Santa Maria d'esta cidade que consta de seis compartimentos, sobrados, duas varandas, quintal com poço d'agua e um baixo com tres compartimentos; é allodial. Este predio pertence á herança inventariada por obito de Dona Maria das Dores Neves da Fonseca; é o que não teve lançador na praça constante dos editaes affixados com data de 29 de novembro ultimo; e vae novamente á praça, por deliberação dos interessados na dita herança para pagamento de passivos e legados. Pelo presente são citados quaesquer credores incertos nos termos do § 1.º do artigo 844 do Codigo do Processo Civil. Tavira, 23 de janeiro de 1907. Verifiquei:—J. Sereno.

O escrivão,

Estevão José de Sousa Reis. (12)

2.º ANNUNCIIO

No dia 17 de fevereiro proximo, pelas 11 horas da manhã, á porta dos Paços do Concelho, na Praça da Constituição d'esta cidade, vae á praça para ser arrematado a quem maior lance offerecer sobre o preço da avaliação, o direito a tres decimas oitavas partes de uma fazenda no sitio de São Marcos, freguezia de Santa Maria d'esta cidade, que consta de terra de semear e mathosa, figueiras, oliveiras, albricoqueiros, um limoeiro, casas de moradia, rama a, palheiro, forno e chiqueiro, allodial e avaliado, o direito, em 505000 réis. Este direito pertence a Manuel Fernandes Alqueive e mulher, do dito sitio de São Marcos e é vendido pela execução que contra elles e outro move José Rodrigues Pinheiro Centeno, casado commerciante, d'esta cidade. Pelo presente e nos termos do Artigo 844, § 1.º do Codigo de Processo Civil, são citados quaesquer credores incertos.

Tavira, 17 de janeiro de 1907.

Verifiquei:—J. Sereno.

O escrivão,

José Joaquim Parreira Faria. (11)



FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES

20—RUA NOVA GRANDE—20 TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS (3)

NOVA OURIVESARIA EM FARO

Rua Tenente Valadim, 4, 6 e 6 A

(ONDE ESTEVE A OURIVESARIA AGUAS)

Este estabelecimento, que rivalisa com os melhores de Lisboa na abundancia do sortimento e no aprimorado gosto dos objectos, que expõe, tem sobre aquelles a vantagem de poder vender por preços incomparavelmente mais baratos. O seu proprietario, em correspondencia, ha dezenas de annos, com os melhores e principaes fabricantes do paiz, obtém por preços excepcionaes todo o genero de ourivesaria e é preferido para apresentação das novidades de melhor gosto e primor de trabalho.

A par de delicados objectos, enriquecidos com reluzentes brilhantes e outras pedras finas, encontra-se n'este estabelecimento o que ha de mais moderno em:

Adereços, pulseiras, brincos, chatelaines, collares, aneis, alfinetes, abotoaduras, berloques, medaihas, etc.; relógios de algebeira em ouro, prata e aço, para homem e senhora; relógios para cima de meza e parede e despertadores.

Em exposição permanente encontra-se tambem um sortimento completo de objectos proprios para brindes, recebidos directamente de Paris. Entre a grande variedade de objectos, veem-se valiosas salvas, palmatorias, argolas para guardanapos, bilheteiras, castões de prata cinzelada, guarda-joias em filigrana, estojos de costura, cigarreiras, phosphoreiras, cannetas, colheres, etc. etc., artigos estes que constituem a especialidade d'este estabelecimento.

Cordões e cadelas de ouro a pes

Compram-se, trocam-se e concertam-se objectos de ouro e prata.

João Lopes do Rosario, junior, & C.ª

508

PALMEIRA & FONSECA

Sociedade em nome colectivo com sede em Tavira

José Luiz Fonseca annuncia para os devidos effeitos que por escriptura de nove de corrente foi dissolvida esta sociedade, ficando a seu cargo todo o activo e passivo.

Tavira, 12 de janeiro de 1907, 9 José Luiz Fonseca.

THESOURA

Vende-se uma thesoura boa ingleza para alfaiate. Trata-se com Francisco Candido de Almeida, Tavira. 13

VICTORIA

Vende-se uma de 4 rodas com cabeça de coiro da Russia. Trata-se com José Antonio Ramos e Barros, da Luz de Tavira. (10)

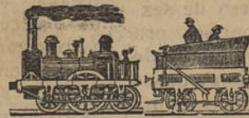
FOLHINHA DOS POBRES

Vende-se no estabelecimento de José Maria dos Santos.

PREÇO, 20 RÉIS

HORTA

Vende-se uma no sitio da igreja na freguezia de Cacella, Ribeiro Junco. Tambem tem sequeiro com vinha e canavial. Trata-se com Manoel da Horta, morador no sitio de Vaulongo, freguezia da Conceição de Tavira. (5)



HORARIO DOS COMBOIOS

ESTAÇÃO DE TAVIRA

Começou em 5 de novembro de 1906

Serviço de manhã

Chegadas	Horas	Partidas	Horas
Correio de Lisboa	4,59	Para Villa Real...	5,06
Mixto de V. Real	6,02	» Barreiro....	6,10
Tram. de Faro...	7,51	» Villa Real...	7,53
» de V. Real.	10,35	» Faro.....	10,37
» de Portimão	11,06	» Villa Real...	11,08

Serviço de tarde

Tram. de Villa Real	2,17	Para Portimão....	2,19
Correio de V. Real	5,32	» Lisboa.....	5,38
Tram. de Faro. ..	5,04	» Villa Real...	5,06
» de Villa Real	7,42	» Faro.....	7,44
Mixto de Lisboa...	10,47	» Villa Real...	10,53